

ARTICULAÇÕES ARTETERAPÊUTICAS ENTRE A ARTE SENSORIAL, A PSICOLOGIA JUNGUIANA E A ANÁLISE PSICO-ORGÂNICA

Ana Luisa Baptista

Resumo:

O presente trabalho tem por base o estudo e a pesquisa de objetos relacionais – criados por **Lygia Clark**, bem como o trabalho de artes visuais interativas de **Amélia Toledo**, **Maria Bonomi**, **Hélio Oiticica** entre outros. A obra de arte quando interativa, facilita o mergulho no inconsciente profundo por meio de vivências que possibilitam acionar a memória sensorial.

Apoiada na tríade *Situação, Expressão e Sentimento (SES)*, de **Paul Boyesen** e dos pressupostos da Psicologia Analítica de **Jung**, a vivência interativa entre sujeito e objeto, possibilita a experiência no aqui e agora, de diferentes estímulos provenientes do contato com espaços preenchidos e vazios, densidades diversas, movimentos, ritmos, estímulos sonoros, táteis entre outros.

O mergulho no universo sensorial propicia a emersão de imagens que podem ser exploradas através de diferentes materiais que se traduzem na concretude do símbolo.

A compreensão das informações sobre os diferentes componentes variáveis do espaço/objeto sensorial centra-se na relação dinâmica inter-relacional que se estabelece entre o sujeito-espaço-material, trazendo percepções, sentimentos diversos e imagens.

Abstract:

This article is based on the study and research of relational objects (created by Lygia **Clark**), as well of the interactive visual arts work of **Amélia Toledo**, **Maria Bonomi**, **Hélio Oiticica** and others. The interactive work of art helps immersing more deeply in the unconscious through experiences that may trigger sensory memory.

Based on **Paul Boyesen's** *Situation, Expression and Feeling* triangle and on *Jungian Psychology*, the interaction between the subject and the object promotes a "here and now" kind of experience, by means of different stimuli from exploring full and empty spaces, different densities, movement, rhythm, sound and tactile stimuli, etc.

Immersing in the sensory world allows for the emergence of images that may be explored by using diverse materials, to be translated into the concrete symbol.

For understanding the several variable elements of the space/sensory object the inter-relational dynamic relationship between subject, space and material is used, bringing about different perceptions, feelings and images.

Palavras Chaves: Arteterapia, Análise Psico-Orgânica, Jung, Psicologia Biodinâmica, Psicoterapia .

É no aqui e agora
que o acontecimento se dá
como se fosse pela primeira vez
embora num passado remoto este acontecimento
já se tenha dado através de sensações
corpórea. Podemos pois enunciar:
"tudo está lá".
Nós o sentimos hoje,
não por tudo, estar lá,
mas sim, tudo está lá
por o sentirmos no aqui e agora.
Lygia Clark
(1980 p. 306)

Na Análise Psico-Orgânica busca-se acolher a Sensação (o que vem do corpo), o Sentimento (o que vem da alma), e o Sentido (o que vem do espírito).

Para tanto, o trabalho caminha em três direções:

- . a Conexão Orgânica no momento presente do trabalho terapêutico, que permite a percepção da forma como o sujeito introjetou o que foi vivido, remetendo-se na vivência da Situação de forma individual e coletiva, abrindo espaço para a emergência de imagens inscritas no corpo¹;
- . o encontro com Orgânico Profundo vinculado ao desejo e aos instintos, expresso através do Sentimento² - revelador da qualidade da experiência sensorial/sensitiva. Refere-se à experiência de impressões e de expressões sensoriais. Trata-se de "... respostas às situações (simbólicas, reais ou imaginárias) interiores ou exteriores" (BOYSEN, Tome 5, 1999).
- . e ao conceito, que trás a forma como o que foi vivido é percebido e elaborado, chegando ao sentido da experiência, à **Expressão**.

Na utilização da Arte Sensorial na prática arteterapêutica, focaliza-se o corpo, as sensações, como via de acesso ao inconsciente. A

"Sensação" é precisamente isso que se engendra em nossa relação com o mundo para além da percepção e do sentimento. Quando uma sensação se produz, ela não é situável no mapa de sentidos de que dispomos e, por isso, nos estranha. Para nos livrarmos do mal-estar causado por esse estranhamento nos vemos forçados a "decifrar" a sensação desconhecida, o que faz dela um signo. Ora a decifração que tal signo exige não tem nada a ver com "explicar" ou "interpretar", mas com "inventar" um sentido que o torne visível e o integre ao mapa da existência vigente, operando nele uma transmutação (Rolnik, 1995, p. 2) .

Um signo que ganha um sentido torna-se um símbolo. Ou seja, é uma imagem a qual se atribui uma qualidade afetiva, pessoal e única para cada sujeito e que apresenta um significado para o coletivo. Logo, na busca em decifrar a sensação experimentada nos deparamos com "... o arquétipo (que) aparece no aqui e agora do espaço e do tempo, podendo, de algum modo, ser percebido pelo consciente. Falamos então de símbolos" (JACOBI, 1995, p. 72). Este é passível de diferentes interpretações que podem variar de acordo com as referências socioculturais e com a compreensão (sentido) de cada sujeito.

1 Em Análise Psico-Orgânica, entende-se por Situação a projeção do sujeito sob o meio externo.

2 "Refere-se à experiência de impressões e de expressões sensoriais". (Boyesen, Tome 5, 1999).

Favorecendo a emersão de imagens provindas do inconsciente, o trabalho com a Arte Sensorial caminha em diferentes direções de acordo com a demanda de cada pessoa. Ora parte da palavra, do conceito, da **Expressão**, trazendo o sentido da experiência, para se chegar ao que foi vivido (**Situação**) ou ao que se sente (**Sentimento**). Outras vezes do **Sentimento** que o objeto evoca indo em direção de fatos vivenciados (**Situação**) ou do sentido da experiência (**Expressão**). Em outros ainda se busca a **Situação**, trazendo a relação entre objeto e um contexto em que sensações semelhantes foram experimentadas, buscando o **Sentimento** que a acompanha e o melhor canal para a **Expressão** da experiência.

Dependendo da proposta buscamos, neste momento, o menor contato visual possível, uma vez que a visualização facilita a desconexão com a experiência e traz a racionalização. Então pode-se pedir para que a pessoa mantenha os olhos fechados, venda-os ou colocar máscaras especialmente preparadas para possibilitar a visualização parcial.

A interatividade com o material favorece a comunicação não verbal e gestual, sendo estes instrumentos de acesso ao inconsciente, permitindo a emersão de conteúdos do imaginário e outros reprimidos, possibilitando a liberação da imaginação criativa e uma nova visão e percepção de si, do outro e do mundo.

A tradução das informações sobre os diferentes componentes variáveis do espaço/objeto sensorial centra-se na relação dinâmica inter-relacional que se estabelece entre o sujeito-espaço-material, trazendo percepções e sentimentos diversos. Ou no dizer de **Clark**:

O objeto relacional não tem especificidades em si. Como seu próprio nome indica é na relação estabelecida com a fantasia do sujeito que se ele define. O mesmo objeto pode expressar significados diferentes para diferentes sujeitos ou para um mesmo sujeito em momentos diferentes (AMIN. e GONÇALVES, 2007, p. 7) ... Não é uma forma simbólica que representa materialmente um determinado conteúdo subjetivo, mas um receptáculo de significações renovadas a cada ato (Clark, 1997, p. 54).

A construção deste trabalho tem por base estudos e pesquisas da Arte Contemporânea, em especial os desenvolvidos por **Lygia Clark** que, relativizando o campo da arte mediante a técnicas psicoterápicas, nos trouxe a possibilidade de fazer da obra de arte um instrumento de mediação terapêutica. Através do contato com a obra podemos reinventar a nós mesmos, recriar nossa história e resignificar nossa existência.

Sob essa ótica, cabe ao artista

... dar ao participante o objeto que, em si mesmo, não tem importância, e que só virá a ter na medida em que o participante agir. O artista não é mais o autor da obra mas um suscitador do ato criativo do outro ... Ele se contenta em propor ao outro serem eles mesmos ... (Oiteral, 2007, p. 5).

Tanto os objetos relacionais³, como outros materiais que possibilitam a exploração sensorial, vem sendo recriados e utilizados na prática arteterapêutica com o objetivo de facilitar o mergulho no inconsciente profundo por meio de vivências que possibilitem acionar a memória sensorial nas mais diferentes faixas etárias e no trabalho com portadores de deficiências ou com distúrbios emocionais de ordem orgânica/psíquica.

Estes são “*vividos numa interioridade imaginária do corpo*” (Wanderley, 2002, p. 19.), através da imagem sensorial que o objeto carrega. Esta não se atinge através da visualização do objeto ou de seu significado, mas do contato. Contato este que acontece no presente, no exato momento em que o sujeito toca e é tocado: no agora. E “... o agora nos impõe infinitas

3 Criados por Lygia Clark na década de 70.

possibilidades. O agora viaja dentro de nós como um segundo corpo para o aprendizado do existir” (Bonomi apud Bosco, 2007).

A integração entre o contato sensório e a arte, reconecta o sujeito com as lembranças de sua história de vida na perspectiva do símbolo vivificado.

Há lembranças, há imagens iniciais e formadoras, nem sempre felizes, mas marcantes, que se constituem como essenciais na dinâmica da vida, incluindo formação, produção, trajetórias. Entretanto, muitas delas desaparecem, e outras permanecem vívidas na memória, podendo ser resgatadas nas vivências do cotidiano (Freitas, 2007, p. 01-10).

As imagens carregam também as memórias dos antepassados através dos conteúdos míticos vinculados àquele símbolo; bem como os múltiplos significados presentes arquetipicamente.

E é somente por meio do símbolo que os arquétipos penetram na esfera cultural e humana (NEUMANN, 1995), pois o inconsciente se manifesta através das imagens, revelando o imaginário e o simbólico através de seus conteúdos, transformando e ampliando as possibilidades, dando à vida do coletivo e do indivíduo o fundo único que torna a existência plena de sentido.

A arte mostra-se ser, uma vez mais, um meio facilitador da **Expressão**, conferindo uma manifestação visível do afeto (**Sentimento**) e trazendo um novo sentido à **Situação** vivenciada.

UTILIZANDO A ARTE SENSORIAL NA PRÁTICA ARTETERAPÊUTICA:

A experiência sensorial desenvolveria no participante a consciência de que o *“homem não deve buscar no infinito sua finalidade, mas fundar na terra o seu céu”*: devorando *“tudo o que até agora se chamou de sagrado, bom, intocável e divino”* poderia recuperar a *“trasnsbordante plenitude e potencialidades”* de seu corpo; e sem a *“segurança”* de um *“sentimento metafísico”*, tornando-se *“legislador de si mesmo”*.
Ricardo Fabbrini
(Fabbrini, 1994 - p. 1995)

Na prática arteterapêutica, a Arte Sensorial se adequa a todo e qualquer tipo de trabalho que focalize o desenvolvimento da sensibilidade e da percepção, bem como o mergulho no inconsciente profundo.

Podemos pensar em três vertentes principais: a Prática Clínica, os Laboratórios de Artes Sensoriais e a Formação do Futuro Arteterapeuta.

A ARTE SENSORIAL NA PRÁTICA ARTETERAPÊUTICA CLÍNICA

(O psicoterapeuta) é um acompanhante,
ele é um parceiro,
é um testemunho,
é quem dá passagem do que vai emergir,
do que vai aparecer ...
Anne Fraisse
(Fraisse, Comunicação Oral ,2007).

Na utilização da Arte Sensorial numa abordagem arteterapêutica clínica, o sujeito pode escolher um objeto e explorá-lo livremente ou recebe-lo das mãos do terapeuta. Pode ser massageado com os objetos ou tê-los pousados sobre o seu corpo.

No momento em que o sujeito estabelece contato com o objeto, cria com ele relações através da textura do material em que toca, seu peso, seu tamanho, sua temperatura, sua sonoridade. Em alguns casos pode criar relações entre espaços preenchidos e vazios, através de massas que fluem.

Os exemplos abaixo são demonstrativos do efeito da utilização da Arte Sensorial no processo da clínica arteterapêutica.

L. tem 39 anos de idade e 8 meses de processo psicoterápico comigo. Chegou com um diagnóstico de depressão e transtorno de ansiedade generalizada. Apresentava muita dificuldade de falar de sua história e trazia sempre a mesma queixa: cansaço, desânimo, *“vontade de dormir para não acordar jamais”*. Contou que ficou deprimida desde a morte de um namorado, há 12 anos atrás. A partir deste momento a vida perdeu o sentido para ela.

Nos últimos dez anos, L. vive num pequeno apartamento no qual morava seu irmão gêmeo, falecido três anos antes de seu namorado. Seus pais deram o apartamento para ela e lhe dão algum dinheiro para que possa se sustentar. L. era advogada, mas largou seu emprego e perdeu o contato com os amigos nos últimos anos. Pouco saía de casa e tinha muita dificuldade de frequentar qualquer reunião familiar. Dizia ter vergonha de receber pessoas em sua casa, mesmo as mais próximas, pois *“a bagunça é tanta que mal consigo andar lá dentro”* – contou-me.

L. concordou em fazer terapia porque seu médico disse que se não buscasse psicoterapia diria a família dela o estado em que se encontrava. Ela disse não querer preocupar seus pais e, por isso, aceitou.

Já passados alguns meses do início de sua terapia, chegou para um atendimento chorando muito, sem motivo aparente, se queixando de dor no peito e muita angústia. Pedi que fechasse os olhos e sentisse a sua respiração. Pousei as mãos sobre a área em que doía. Depois, quando percebi que ela foi se acalmando, muito delicadamente, retirei as mãos e coloquei sobre seu peito uma almofada de plástico em forma de coração recheada de tampinhas de refrigerante.

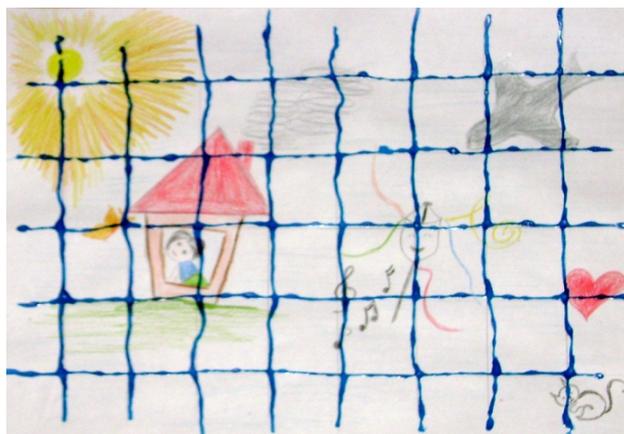
Minha intenção era de que ela pudesse continuar a se acolher, mas entrando também no contato com a leveza do material. L. abraçou a pequena almofada e espontaneamente começou a explorá-la. Ficou com ela por longo tempo e, mantendo seus olhos fechados, pedi que falasse sua sensação neste contato. Ela disse que a sensação do plástico em formato de coração e seu conteúdo lembrava-lhe *“coisas de*



criança”. Então, lembrou-se dela menina brincando. Pedi que ficasse no contato com a imagem e me dissesse o que aquela menina sonhava. L. se assustou com a pergunta, e com certa resistência compartilhou a forma com que via o mundo quando pequena.

Ela partiu do **Sentimento** – a angústia localizada em seu peito – para uma **Situação**: a infância.

Pedi, então, que representasse (**Expressão**) o que havia contatado. Pela primeira vez ela aceitou fazer algo com os materiais de artes plásticas. L. pediu que lhe desse lápis de cor e fez o desenho abaixo:



Disse que seus sonhos tinham ficado presos na infância e, por isso, fez questão de colocar grades, representadas com cola colorida azul.

Essa experiência acordou o simbólico em L., reconectando-a com a imagem arquetípica da Criança Interior. Esta trouxe novas possibilidades e deu rumo ao seu processo terapêutico. Desde, então, estamos conseguindo olhar para a menina que sonhava e, aos poucos, L. vem “*libertando*” esses sonhos. Ela resgata o desejo de estar viva na medida em que os traz para seu cotidiano. Como resultado, conseguiu arrumar seu apartamento, contratou uma professora de música para lhe ensinar flauta, desejo que tinha na infância. Agora começa a vislumbrar a possibilidade de voltar a fazer alguma atividade produtiva.

Os objetos sensoriais com os quais venho trabalhando são, por vezes, bastante simples, de fácil aquisição e manuseio. A disponibilidade do paciente para estabelecer o contato com estes, parece ser suficiente para a emergência de imagens inconscientes, como demonstra o fragmento do processo de uma menina descrito abaixo.

N. tem 9 anos e está em psicoterapia há três anos. Num atendimento chegou muito agitada e dispersiva. Propus um trabalho corporal lúdico explorando os movimentos que realizava naturalmente: andar, pegar objetos e brinquedos, soltar etc. Aos poucos sua agitação cedeu e deu lugar a um grande cansaço. N. jogou-se sobre uma grande bola e ficou ali, num leve balanceio. Fiz, então, um percurso de massagem biodinâmica visando a contenção e o relaxamento (*Palming*). Ela escorregou para o chão e sentou-se, mantendo o apoio da bola. Disse querer ficar ali. Propus um jogo: coloquei uma venda em seus olhos para ela poder “*sentir melhor*” as coisas que eu ia lhe dando para explorar. Ela aceitou. Fui colocando em suas mãos alguns materiais e ela tateando um de cada vez. Pedi que falasse da sensação de cada um. Deixei-os ao seu alcance e pedi que buscasse sensorialmente aquele que ela achou mais interessante. Ela buscou um que disse que “*espetava*”. Trata-se de uma pinha. Começou a cheirá-la. Disse-me: “*Eu conheço isso aqui... Faz muito tempo. Eu lembro do cheiro*”.

Incentivei-a a falar mais e ela então disse: “*Tinha isso lá, há muito tempo. Ficava no chão, na terra, e eu pegava e colocava na boca ... Sabe eu lembro disso, mas eu não lembro direito*”. Pedi que ela tirasse a venda e visse o que tinha em suas mãos. “*É parecido com a que eu lembro, mas esse é mais aberto, eu acho*”.

Através da exploração sensorial N. caminhou na direção de uma vivência antiga: uma **Situação**.

Em seguida perguntou: “*Tem argila?*”.

Entreguei-lhe um pedaço de argila e ela começou a moldá-lo. Fez uma casa. N. lembrou da casa onde passou seus primeiros dois anos de vida antes de ser adotada. O cheiro da argila lembrou-a do chão de terra. Enquanto modelava, N. foi compartilhando suas lembranças. N. partiu para a **Expressão** através do material plástico. Muito surpreendentemente, ela já havia trazido suas memórias desse tempo em representações diversas em Sandplay⁴, mas sem a verbalização. Os dados que supostamente ela “*não sabia*” foram confirmados por seus pais adotivos. Foi a primeira vez que conseguiu nomear e falar abertamente sobre os flashes de memória deste tempo.



Chamou-a de: “*A Casa de Muito Antigamente*”.

No encontro seguinte, sentiu-se incomodada com aquela casa e resolveu pintá-la, trazendo novos elementos. Assim buscou restaurar a vivência de abandono e negligência vivenciada quando ainda era um bebê.

Através das cores e dos objetos escolhidos para colocar dentro de sua casa, expressou uma tonalidade afetiva e se emocionou, chegando ao **Sentimento**.



A vivência de imagens tão arcaicas é comum no trabalho com a exploração sensorial, pois “... o *Inconsciente tem uma memória bastante presente do vivido. Mas também do não realizado. (Nele) existem situações simbólicas do Real e não só o Real*” (Boyesen, Comunicação Oral, 2008).

Trazer as imagens para o concreto através da arte facilita a elaboração, pois as representações revelam o que as palavras nem sempre são capazes de dizer. Possibilitam também a transformação do Real, permitindo que o não vivido, o não realizado, possa ser elaborado ao tornar-se matéria. E, assim, visualizado ganha forma, favorecendo uma futura integração. No caso acima, a menina reconhece a falta, mas pode buscar no hoje o que não teve em bebê, restaurando a experiência anterior.

Já B. aos 45 anos, após vários processos psicoterápicos, buscou a arteterapia por sentir que “*sabotava o trabalho terapêutico com as palavras*”. Passou longo tempo explicando-me como usava “*a racionalização como mecanismo de defesa*” e desqualificando os processos psicoterápicos pelos quais já passara. Iniciamos seu processo revendo as muitas psicoterapias já realizadas e o que ele pôde se apropriar de cada uma delas.

4 Tabuleiro de areia.

Na medida em que íamos recriando estes processos com colagens, desenhos, histórias e dramatizações. B. contava-me fragmentos de sua história de forma não estruturada e em conexão com suas sensações e sentimentos. Forma bastante diferente da postura racional como me falou de si num primeiro tempo.

Em um dos atendimentos B. chegou irritado. Disse que tinha muitas coisas para fazer, mas pouco tempo e isso o “*enlouquecia*”. Sendo divorciado passara o final de semana com os filhos e estes desorganizaram seu apartamento. Sua faxineira não aparecera e na tentativa de limpá-lo, menciona um objeto de borracha utilizado por ele, que associou umas bolas de borracha vazadas que tenho no consultório.

Pedi que fechasse os olhos e coloquei a bolinha em suas mãos. Ele sentiu um incomodo explorando-a. Fui percebendo que enquanto mantinha o contato com o material seu corpo se contraía e sua respiração tornou-se suspensa.



Repentinamente, atirou a bola ao chão com força e com muita raiva. “*Que droga. Essa coisa de novo*”. Perguntei-lhe com o que ele tinha feito contato. B., bastante enfurecido, disse ter lembrado de estar na escola e errado um exercício de matemática. O professor apontou seu erro para todo o grupo e o desqualificou chamando-o de “*aluno vagabundo*”. Fez todo um discurso em torno da sua pessoa e de seus irmãos, dizendo-lhe que ele “*não negava sua raça e a laia de onde vinha*”. O fez apagar tudo o que tinha feito, inclusive outros exercícios que estavam corretos, pois achou sua letra muito feia.

B. ficou com muita raiva e ao apagar os exercícios rasgou a folha sem querer. Enfurecido jogou o caderno no chão. O professor uma vez mais o desqualificou e o puniu deixando sem recreio para que pudesse pensar no que havia feito e após a aula mandou-o permanecer na escola e passar seu caderno todo a limpo. Castigo esse que durou várias semanas, pois estavam no final do ano e seu caderno com muitas páginas escritas. Escreveu também uma advertência em sua caderneta falando de sua indisciplina, que resultou numa surra dada por seu pai. Este era descrito por B. como “*... um juiz que lidava com os filhos de forma autoritária, julgando seus atos pelos fatos sem ouvi-los e punindo-os severamente de acordo com a sentença que ele acreditava ser justa*”.

Aqui partimos do diálogo (**Expressão**) para a escolha do objeto sensorial. A textura do material trouxe-lhe um incômodo e uma grande irritação (**Sentimento**). B. pôde conectar-se com uma **Situação** antiga: a cena da sala de aula. Isso lhe permitiu contactar sua raiva e expressá-la, conectando-se com os sentimentos de vergonha e humilhação, bem como com a indignação frente à forma como seu pai lidava com os filhos.

Amplificando a experiência, B. escolheu uma máscara sarcástica para representar seu professor.





Uma outra representando seu pai em sua raiva, todo vermelho, visando um equilíbrio inalcançável, com “*seu poderoso chapéu*”.

E, por fim, um boneco de madeira encolhido sobre si mesmo representando o menino com medo e vergonha.



A partir dessa experiência, uma nova **Expressão**: o diálogo entre as máscaras e o menino. Surgiu a questão do porquê de sua auto exigência tão grande e sua dificuldade em lidar com as figuras de autoridade. A lei não era vista como meio de proteção, mas sim de repressão e injustiça. A imagem arquetípica do pai se embolava com o complexo paterno negativo na figura do juiz-autoritário e que esbravejava com raiva, “*sem jamais escutar*” e do sarcasmo.

As combinações entre os elementos da tríade a partir do que é explorado sensorialmente são muitas. Os exemplos acima ilustram algumas alternativas na exploração dos materiais.

LABORATÓRIO DE ARTES SENSORIAIS:

A reinvenção da arte é condição para que ela possa intervir
na transformação radical do homem e do mundo.
Assim fazendo estaria realizando e ultrapassando
as categorias de arte,
tornadas categorias de vida,
seja pela estetização do cotidiano,
seja pela recriação da arte como vida
Celso Favareto
(Favaretto apud Lima, 1997 - p. 17)

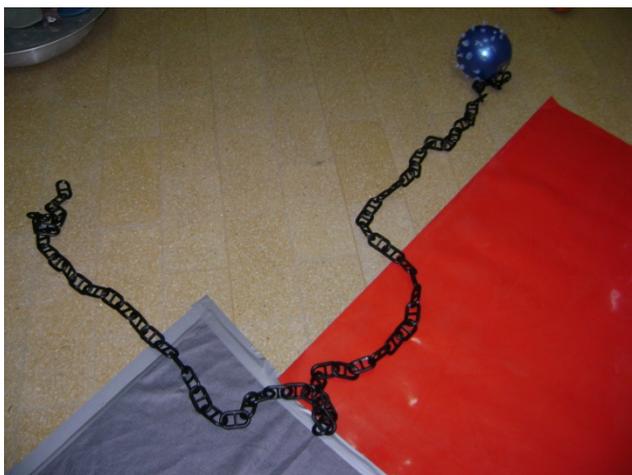
Os espaços interativos de Artes Sensoriais Temáticos e Livres favorecem a experiência de um ambiente transformável no momento presente, através de diferentes estímulos provenientes do contato com objetos dos mais diversos.

O sujeito em interação não é espectador da obra, mas sim criador, na medida em que faz uso do objeto com o qual interage.

a



Na criação de Laboratórios ou Salas de Artes Sensoriais na prática arteterapêutica, o foco inicial é **Situação**: a experiência exploratória, a partir das sensações. Cria-se, para tanto, um espaço interativo, onde o sujeito possa experimentar no aqui e agora, um ambiente transformável através de diferentes percepções provenientes de espaços preenchidos e vazios, densidades variadas, luminosidade e sombras, movimentos, ritmos, estímulos sonoros, olfativos e gustativos.



As experiências sensoriais são organizadas de forma a enfatizar a estimulação tátil, proprioceptiva, vestibular, visual, olfativa e auditiva, tendo o intuito de favorecer a aquisição de conhecimentos mais adequados sobre si mesmo e do meio em que vive (integração do esquema corporal, noções espaço-tempo, consciência corporal, percepção etc). Eles “... *recorda-nos as proposições construtivas da fase sensorial*” (Fabbrini, 1994 - p. 200). Para

tanto, a qualidade do objeto se faz essencial, estabelecendo uma dialética entre real e imaginário, mundo externo e interno, e acionando no momento presente da experiência, a memória afetiva e o universo simbólico. Desperta inúmeros **Sentimentos**.



Passa-se, então, para a **Expressão**: por meio do som, do movimento, da pintura, da encenação, da criação literária ... Pelos muitos instrumentos que os diversos canais artísticos oferecem, possibilitando tanto a emersão de uma questão emocional de forma concreta, como o se deixar tocar emocionalmente pelo material que emerge do inconsciente.

O espaço possibilita o estudo das relações entre o modo como nos percebemos e a forma como enxergamos os outros, discutindo a identidade de cada um no percurso proposto a partir do contato com os diferentes materiais espalhados pelo espaço físico.

Sua utilização acontece livremente sob o olhar e a escuta de terapeutas qualificados que acompanham o grupo na intenção de facilitar e dar continente para o processo que se desencadeia no espaço. O terapeuta assume a postura de testemunha da exploração livre, favorece a sensibilização e, pode, se necessário, e de acordo com a demanda, intervir de forma precisa, facilitando a reflexão e o autoconhecimento.

Mantendo a mesma proposta, a partir da necessidade de um grupo, pode-se criar espaços com temáticas específicas, de acordo com demandas prévias, favorecendo trabalhos com dinâmicas relacionais e institucionais.

A vivência do processo de criação dentro de um contexto que faz atravessar-se mutuamente a arte e a saúde, promove uma abertura de canais criativos e da sensibilidade que se ampliam para além do universo da arte e se estendem aos acontecimentos cotidianos, enriquecendo-os (CASTRO, 2001).

Assim, em instituições asilares, o enfoque volta-se para o trabalho grupal e para as formas de sociabilidade e culturais que acontecem quando pessoas compartilham lugares comuns. O Laboratório de Artes Sensoriais, neste caso, é um espaço que privilegia a elaboração e a articulação de todas as experiências vividas tanto no campo institucional, como fora dele.

Visando assegurar a qualidade do trabalho, é importante contar com uma equipe interdisciplinar, favorecendo a troca e o estudo do processo grupal. Cabe aos terapeutas não só acolherem os sons, as falas, as formas, os atos, articulando-os e devolvendo-os para o grupo, mas também estabelecer a ponte entre um sujeito e outro, valorizando sua presença, falas e ações, buscando junto um sentido para o que ocorre no espaço.

Sua escuta deve estar aberta a expressão em todas as suas formas e possibilidades, para que ele possa acolher uma “... *linguagem muitas vezes sem palavras*” (CASTRO, - 2001), *respeitando a “... delicadeza do que é pré-verbal, não verbalizado e não-verbalizável, exceto, talvez, na poesia*” (Winnicott, apud Lima, apud Costa e Figueiredo, 2004, 59 – 81). “*A partir da escuta, essas produções podem tornar-se linguagem, instituir canais de troca e encontro, criar novos universos existenciais*” (Lima e Figueiredo, 2004, p. 59 - 81).

O desdobramento da vivência no Laboratório mostra que a exploração terapêutica destas produções redimensiona o campo clínico, trazendo atravessamentos institucionais, culturais e sociais. A representação individual é parte de uma coletividade. Faz-se necessário associar a prática clínica à prática psicossocial. O trabalho arteterapêutico nestes contextos abre espaço para a aprendizagem, a produção, o intercâmbio, a ampliação das relações, o mergulho no universo sociocultural.

A ARTE SENSORIAL NA FORMAÇÃO DO FUTURO ARTETERAPEUTA

Experimental algo
significa, então, atravessar para o lado de lá,
em direção àquilo que não somos.
E vice-versa.
Pois não há dúvidas de que nos transformamos
na razão direta daquilo que experimentamos.
Agnaldo Farias
(Farias, W. 11, 1994)

A formação de arteterapeutas tem além do caráter teórico-prático, o vivencial. Focaliza o desenvolvimento do processo criativo, aguçando a sensibilidade, explorando a criatividade e sua expressão, a fim de preparar o aluno para lidar com seus próprios conteúdos conscientes e inconscientes, para posteriormente poder acompanhar um outro em seu processo.

Sendo a *Análise Psico-Orgânica* um dos pilares teóricos que utilizo na Formação de Terapeutas em Arteterapia, a tríade **Sentimento, Expressão e Situação** (SES) é transmitida e as possibilidades de trabalho com esta abordagem bastante explorada.

Quando associada diretamente ao trabalho com Artes Sensoriais, o trabalho caminha em três direções complementares:

- . experiencial – através do contato com os materiais visando a sensibilização, do mergulho no inconsciente e na vivência da amplificação dos conteúdos emergentes através dos mais diversos canais expressivos;

- . teórica – com o estudo do efeito da experimentação dos objetos, suas possíveis aplicações, estudos de casos, leitura de textos sobre o trabalho com a Arte Contemporânea, correlação entre os conteúdos emergentes e leitura simbólica;
- . exploratória – onde o aluno, a partir do estudo dos efeitos do trabalho sensorial, é solicitado a criar um objeto para utilização no grupo.

Os alunos são também convidados a participar de exposições de arte contemporânea, realizando associações entre o conteúdo dado e a experiência individual e coletiva no manuseio dos materiais.



Aluna do Grupo de Formação de Terapeutas em Arteterapia, explorando a instalação "*Ressurgência*" da artista plástica Amélia Toledo. Exposição "*Novo Olhar*": Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, 2007.



Aluna do Grupo de Formação de Terapeutas em Arteterapia, explorando a instalação "*Minas*" da artista plástica Amélia Toledo. Exposição "*Novo Olhar*": Museu Oscar Niemeyer, Curitiba: 2007.

Têm a possibilidade de tocar, apalpar, manipular, escutar, percorrer, contemplar, fluir, perceber ... Entrar em contato com as propriedades formais e materiais.

Assim experimentam texturas, pesos, equilíbrios, tamanhos, temperaturas, densidades, sonoridades, durezas, maleabilidades, opacidades, transparências, translucidez, reflexibilidades, movimentos ...

Enfim: as muitas qualidades das coisas que afetam e aguçam os sentidos, favorecendo a percepção de si, a interiorização, a descoberta e a reflexão.



Grupo de Formação de Terapeutas em Arteterapia explorando instalação "*Passagem pela imagem III*", da artista Maria Bonomi, na exposição "*De Viés*". Museu Oscar Niemeyer, Curitiba: 2007.

Referências Bibliográficas:

BOSCO, F. – "*De Viés*" – Catálogo da exposição De Viés de Maria Bonomi. Curitiba: Museu Oscar Niemeyer, 2007.

BOYESEN, Paul – *L' Inconscient est Situationnel*. 2ª Partie: De la Verbalisation au corps du Mot. Manuel d' Enseignement de L' É Française d' Analyse Psycho-Organique. Tome 5, 1999.

----- – *Nascimento* – Seminário de Formação em Análise Psico-Orgânica, Turma Rio IV, Cabo Frio, RJ: 2008.

CASTRO, Eliane Dia -. *Atividades Artísticas e Terapia Ocupacional: criação de linguagens e inclusão social*. São Paulo, ECA/USP, 2001. Tese de doutorado.

CLARK, L. & all – *Lygia Clark* – Rio de Janeiro, FUNARTE, 1980 (ou in ROBHOT, nº 4, Paris, 1968);

CLARK, E. – *O Mundo de Lygia Clark* (filme). Rio de Janeiro, 1973.

FABBRINI, R. N. – *O Espaço de Lygia Clark*. São Paulo: Atlas, 1994.

FARIAS, A. – *Amélia Toledo: A Natureza do Artificio*. São Paulo: W11, 1994.

----- – *Novo Olhar: Amélia Toledo. Catálogo da Exposição Novo Olhar*. Curitiba: Oscar Niemeyer, 2007.

FRAISSE, A. – *O Círculo Psico-Orgânico*. Conferência realizada no IBAM, Rio de Janeiro: maio de 2007.

FREITAS, N. K. - *Em Busca da Categoria de Sentido: Simbiose e Individuação na Obra de Ana Mendieta*. Colóquio de Psicologia da Arte. Universidade do estado de São Paulo/EDUSP, 2007.

OITERAL, J. - *Os Objetos de Lygia Clark e os Objetos Transicionais de Donald Winnicott: Algumas Interfaces*. SP: PUC – Mimeo, 2007.

JACOBY, M. - *O Encontro Analítico: Transferência e Relacionamento Humano*. SP: Cultrix, 1995.

JUNG, C. G. - *Fundamento da Psicologia Analítica – Obras Completas: Vol. XVIII/1*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

----- - *Memórias, Sonhos e Reflexões* – Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1989.

----- - *Símbolos de Transformação – Obras Completas: Vol. V*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LIMA, E. - *Terapia Ocupacional: um território de fronteira?* Revista de Terapia Ocupacional da USP, v.8/2-3, 1997.

NEUMANN, E. *História da Origem da Consciência*. São Paulo: Cultrix, 1995.

ROLNIK, Suely - *O Singular Estado de Arte Sem Arte*. Boletim de Novidades. Pulsional Centro de Psicanálise, ano VIII, 1995.

WANDERLEY, L. – *O Dragão Pousou no Espaço: Arte Contemporânea, Sofrimento Psíquico e o Objeto Relacional de Lygia Clark*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

WINNICOTT, D. W. - *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

Autora:

Ana Luisa Baptista

Psicóloga Clínica (CRP 05/23146);

Arteterapeuta credenciada a AARJ – Associação de Arteterapeutas do Rio de Janeiro;

Especialista em Psicologia Junguiana pelo Instituto Brasileiro de Medicina e Reabilitação – IBMR;

Psicoterapeuta Corporal em Psicologia Biodinâmica e Análise Psico-Orgânica pela EFAPO (École Française D' Analyse Psycho-Organique) e pelo CEBRAFAPO (Centro Brasileiro de Formação em Análise Psico-Orgânica);

Sócia Fundadora do Incorporar-te: Espaço Terapêutico Corpo Artes;

Membro Fundador e Diretora de Eventos da ABRAPO - Associação Brasileira de Análise Psico-Orgânica;

Coordenadora do Home Care Terapêutico e dos Atendimentos à Comunidade do Incorporar-te;

Membro do Setor de Educação e Apoio Psico-Social da Casa Ronald Mc Donald/RJ, de maio de 2003 a março de 2008, sendo responsável pela implantação, coordenação e supervisão dos atendimentos de Arteterapia a Crianças e Adolescentes Portadores de Neoplasia e seus Familiares; Autora, Coordenadora e Supervisora dos projetos: Formas Marias de Ser e Autoria e Arteterapia;

Atua na pesquisa, estudo e criação de objetos que possibilitam explorações sensoriais para utilização terapêuticas, visando a prática clínica e a montagem de espaços de Artes Sensoriais;
Coordenadora de grupos de estudos em Psicologia Junguiana, Estudos Avançados em Arteterapia e Mitologia;
Coordenadora de cursos de Formação de Terapeutas em Arteterapia desde 1997, com turmas no Rio de Janeiro, Curitiba e Santa Catarina.

E-Mail: aluvbaptista@gmail.com

Home Page: www.incorporarte.psc.br

Contato:

Residência: 21-25376842

Consultório: 21-25493912